

O HABITAR COMO QUESTÃO URBANA E AMBIENTAL
Dwelling as urban and environmental question

Gustavo Silvano Batista¹

RESUMO

O presente artigo problematiza a questão do habitar, a partir da formulação de Heidegger, segundo a qual todo construir tem em sua essência o habitar. Tal pergunta, situada no contexto da reconstrução da Alemanha depois da segunda guerra, também oferece um horizonte de questionamento para o atual contexto das cidades, notadamente a situação das cidades brasileiras. A pergunta acerca do habitar possibilita-nos discutir tal questão como um traço fundamental para pensar a cidade, especialmente iluminada pelas reflexões de Norberg-Schulz e Pallasmaa. Deste modo, a reflexão filosófica do habitar tem sua relevância não somente para questões urbanas, mas apresenta desdobramentos na questão ambiental.

Palavras-chave: Arquitetura. Heidegger. Cidade. Urbanismo. Ambiente.

ABSTRACT

This article discusses the question of dwelling, based on Heidegger's formulation, following the argument every building has in its essence dwelling. This question, situated in the context of the reconstruction of Germany after World War II, also offers a horizon of question for the current context of cities, notably the situation of Brazilian cities. The question about dwelling enables us to discuss this question as a fundamental trace for thinking about the city, especially illuminated by the reflections of Norberg-Schulz and Pallasmaa. Thus, the philosophical reflection of dwelling has its relevance not only for urban issues, but has consequences on the environmental issue.

Keywords: Architecture. Heidegger. City. Urbanism. Environment.

¹ Doutor em Filosofia (PUC-Rio). Professor Adjunto IV – Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL/UFPI). gustavosilvano@ufpi.edu.br.

✉ Rua Demerval Lobão, 821 – Apto. 305, Jóquei, Teresina, PI. 64048-100.

Tematizar a cidade contemporânea, imersa em suas constantes transformações, ordenadas ou desordenadas, revela-se no horizonte de questionamento filosófico, comum à fenomenologia e ao urbanismo, a partir da pergunta sobre a constituição e reconstituição dos lugares nos quais as pessoas constituem suas vidas, partindo dos modos de habitar. Dito de outro modo, a pergunta fenomenológica sobre habitar a cidade coloca em questão não somente a relação entre humanos e o espaço vivido, mas, de modo mais específico, a própria constituição atual e efetiva da cidade enquanto lugar e ambiente. Para tanto, pretendemos tratar do habitar como um elemento fundamental da cidade, tendo como referência a reivindicação heideggeriana do habitar como um traço básico da vida humana no modo de ser da cidade. Tal questionamento de Heidegger, a nosso ver, traz desdobramentos importantes na constituição da cidade como lugar e ambiente vivido, à medida que o habitar carrega uma questão fundamental para repensar a própria composição da cidade, isto é, o modo de constituição do espaço vital humano.

A contribuição de Heidegger para recolocar o habitar se dá como parte do “II Colóquio de Darmstadt: Homem e espaço”, evento que tem em vista a situação das cidades alemãs depois da segunda guerra, em meio ao projeto de reconstrução das cidades, enquanto ambientes construídos orientados para um novo recomeço. Tendo em vista o momento histórico do pós-guerra, no qual “a maior parte da população se urbanizou e a cidade, ou seja, seus habitantes, abandonaram suas relações mais viscerais com a natureza e com o campo” (HOLZER, 2017, p. 26), Heidegger apresenta uma contribuição filosófica para a situação da Alemanha, tendo em vista a crise habitacional gerada pela II Guerra Mundial. Todavia, sua colaboração não lida com problemas iminentes próprios da reconstrução das casas e cidades, mas a algo mais fundamental. Diz Heidegger (2002, p. 125, destaque no original):

Esse pensar o construir não pretende encontrar teorias relativas à construção. Este ensaio de pensamento não apresenta, de modo algum o construir a partir da arquitetura e das técnicas de construção. Investiga, bem ao contrário, o construir para reconduzi-lo ao âmbito a que pertence aquilo que é.

No horizonte do questionamento do construir, surge um itinerário de reorientação do próprio modo de pensar a construção e seu sentido, ou seja, um pensamento que questiona a própria essência do construir, à medida que está relacionado ao próprio modo de ser do construir, ou seja, sua essência. Assim, pensar a natureza do construir é tarefa própria do pensamento. Ainda no horizonte do questionamento, discute Heidegger (2002, p. 140):

Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar. Ambos são, no entanto, insuficientes para o habitar se cada um se mantiver isolado, cuidando do que é seu ao invés de escutar um ao outro [...]. Buscamos concentrar o pensamento na essência do habitar. O passo seguinte, nesse sentido, seria perguntar: o que acontece com o habitar nesse nosso tempo que tanto dá a pensar? .

Deslocando a pergunta de Heidegger para o caso da situação atual das grandes cidades brasileiras, mesmo com diferenças marcantes entre cada caso, o questionamento se insere em um contexto no qual, mesmo não estando marcado pela experiência terrível da guerra, enfrenta-se cada vez mais a questão da crise habitacional no contexto do fenômeno da globalização. Nas palavras de Holzer (2017, p. 23), “A essas novas urbanizações, dispersas, difusas, são imputados todos os problemas de falta de identidade, de urbanizações que são o verdadeiro simulacro produzido pela globalização”.

Tal situação tem promovido gradativamente diversas formas de crises habitacionais, tanto do ponto de vista de falta de habitações,

O habitar como questão urbana e ambiental
Gustavo Silvano Batista

quanto no estabelecimento de habitações demandadas pela situação das pessoas sem casas, o que é o caso das habitações irregulares, muitas vezes construídas em locais de risco. Diante deste cenário, o retorno à reflexão de Heidegger para repensar a cidade contemporânea brasileira, especialmente as grandes cidades, significa repensar o próprio modo de ser dos habitantes, fundamentalmente marcado por modos de vida fortemente vinculados ao trabalho e ao consumo. A questão que se coloca não é apenas reivindicar o habitar como um componente relevante à vida urbana contemporânea, mas pensar os desdobramentos da crise habitacional enquanto forma de vida deteriorada, que basicamente se estende a atuais modos de vida urbana.

Na Conferência “Construir, Habitar, Pensar”, Heidegger (2002, p. 125) trata do modo de ser do habitar a partir de duas questões: “O que é habitar? Em que medida pertence ao habitar um construir?”. Tais questões indicam um caminho no qual o habitar e o construir estão intimamente interligados. Heidegger trata desta questão enquanto caminho de pensamento, especialmente inserido no horizonte da crise habitacional enquanto urgência de reconstrução de um ambiente inteiramente modificado pela guerra. O que significa pensar um novo país alicerçado em novas cidades enquanto novos ambientes construídos e reconstruídos. Tal motivação, comum à maioria dos participantes do colóquio, assenta-se primordialmente no papel da arquitetura e urbanismo na configuração de novos ambientes construídos. Heidegger não se dedica a pensar na construção de novos ambientes, mas repensar os traços primordiais que não podem ser prescindidos na disposição do habitar.

Assim, de modo distinto às preocupações comuns dos demais presentes, concentrados em questões arquitetônicas e urbanísticas

técnicas e práticas, vinculadas à escassez de casas ou ainda a elementos de reconstrução dos ambientes, Heidegger dedica sua palestra a algo mais fundamental: a natureza do habitar próprio da cidade no pós-guerra. Ou seja, repensar o habitar nesta nova configuração, urbana e pós-guerra. O que se constitui um desafio não somente para a própria reflexão heideggeriana, mas também para os desdobramentos filosóficos e arquitetônico-urbanísticos posteriores, tendo em vista as novas configurações das cidades.

Tal desafio pode ser entendido, por um lado, como uma renúncia da arquitetura por parte de Heidegger. A preocupação demonstrada em sua conferência não concede à arquitetura e ao urbanismo a prerrogativa essencial do habitar, em termos de um planejamento urbano, mas trata de algo anterior, mais essencial, ou seja, a natureza do construir. Este aspecto parece nos mostrar uma certa desconfiança de Heidegger diante dos desenvolvimentos modernos das áreas de arquitetura e o urbanismo, fortemente marcados por aprimoramentos técnico-científicos modernos, em sua capacidade de configurar o habitar genuíno. O que pode ser observado não somente nas novas teorias e modos de projetar, mas no modo de edificação de ambientes urbanos já construídos. Neste sentido, repensar a essência do construir enquanto habitar, enquanto tarefa filosófica, questiona a própria noção de projetar, *modus operandi* comum a arquitetos e urbanistas, enquanto uma atividade capaz de promover o habitar. Talvez a atividade própria de promoção ao habitar esteja mais próxima do pensar e não do projetar, à medida que se questiona até que ponto na ideia de projeto está estabelecido o habitar.

Em termos práticos, os projetos realizados como desdobramento da II Conferência, foram encomendados pela cidade como os “Edifícios Mestres em Darmstadt”, construídos posteriormente a partir dos princípios intelectuais desenvolvidos no encontro. Entre os projetos,

O habitar como questão urbana e ambiental
Gustavo Silvano Batista

podemos destacar um jardim de infância como um jardim, tendo como objetivo aproveitar a relação com a natureza; e uma clínica ginecológica marcada por uma atmosfera de humanidade e alegria, cujas janelas vão do chão ao teto. Tais projetos edificadas não têm relação direta com as reflexões de Gadamer. Mas, ao mesmo tempo, parecem considerar a pergunta de Heidegger sobre o habitar, trazendo certos elementos em suas concepções que sugerem uma outra relação com a cidade e o ambiente, para além dos desenvolvimentos técnicos do planejamento arquitetônico e urbanístico.

O questionamento de Heidegger sobre o habitar situa-se em um momento trágico para a Alemanha. Pode-nos parecer estranho que, numa situação catastrófica como aquela, com a falta de casas e todas as demandas que dela decorre, ou seja, a construção de novas casas, otimização de recursos financeiros, distribuição de espaços urbanos, Heidegger parece estar mais empenhado em questionar e retomar o habitar enquanto ponto central para a constituição da cidade, lidando friamente com a urgência das demandas básicas da população.

Entretanto, tal aspecto mostra-nos um Heidegger empenhado em pensar novas bases para o planejamento urbano, que tem a ver com um questionamento radical acerca da construção de lugares nos quais as pessoas possam habitar. Dito de outro modo, trata-se da reivindicação de um urbanismo que não seja fundamentalmente regido pelos desenvolvimentos da técnica, mas comprometido com um aspecto esquecido pela própria natureza da técnica, ou seja, a essência do habitar, enquanto elemento urbano e ambiental, indispensável na reconstrução das cidades alemãs. Como afirma Heidegger (2002, p. 128),

Enquanto não pensarmos que todo construir é em si mesmo um habitar, não poderemos nem uma só vez questionar de

maneira suficiente e muito menos decidir de modo apropriado o que o construir de construções é em seu vigor de essência. Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam.

Considerando a situação urbana brasileira, poderíamos assinalar a relevância do habitar enquanto elemento próprio da vida nas cidades, ao passo que a própria estrutura e modo de ser das cidades brasileiras ainda estão muito distantes de um questionamento acerca do construir e do habitar. Situar tal questionamento em nosso contexto significa examinar a relação que os habitantes estabelecem com os lugares construídos que, muitas vezes, se constituem habitações. Basta pensarmos na imensa população de rua que vive nas grandes cidades, transformando viadutos, calçadas, becos e pontes em lugares nos quais habitam, mesmo que tais lugares não tenham condições de abrigá-los. Situações como esta levam-nos a repensar de modo situado a relação entre construir e habitar.

Heidegger remete a interrogação do habitar ao construir, ao edificar (*Bauen*) e não ao morar (*Wohnen*). Diante de uma situação comum na qual arquitetos, urbanistas e políticos estão preocupados com a construção de moradias para abrigar aqueles que ainda não as tem, Heidegger apresenta o habitar como um elemento indispensável e negligenciado pela construção de moradias, à medida que o construir vem sendo pensado em bases estritamente técnicas, vinculado à parafernália tecnológica, alheio à natureza própria e constitutiva do habitar enquanto condição básica para a vida humana na cidade. O que indica um descompasso fundamental entre o habitar e os modos contemporâneos de construção.

Caso não nos atentemos para tal questão, dificilmente conseguiríamos distinguir os lugares simplesmente construídos e

O habitar como questão urbana e ambiental
Gustavo Silvano Batista

os lugares habitáveis na cidade. Na perspectiva de Heidegger, não basta construir com novas técnicas e materiais mais sofisticados, construindo assim uma cidade mais sustentável, tecnológica e humanamente responsável para todos. Mais do que isso, é o caso de repensar a própria experiência urbana, de certa forma cada vez mais esquecida ou perdida, a partir das configurações próprias do habitar. Como diz o próprio Heidegger (2002, p. 126), “prédios habitacionais oferecem residência. As habitações são hoje bem divididas, fáceis de administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas.” Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar? Pensando no caso das cidades brasileiras, há a possibilidade de promover o habitar na construção de lugares nos quais as pessoas vivem e se encontram em riscos de diversas ordens?

Em termos fenomenológicos, há para Heidegger uma prevalência do habitar enquanto acontecimento próprio da relação com o ambiente construído, que, de alguma forma, se conecta ao ambiente em geral. Tal aspecto se desdobra em uma outra relação com a cidade, em seu contexto de crise, no qual o construir oferece uma condição urbana e ambiental que não ignora o habitar. Ou seja, não perde de vista o caráter essencial do habitar.

Por outro lado, tendo em vista as condições técnicas do urbanismo atual, a reivindicação heideggeriana pelo habitar parece não tendo sentido, pois “quando as cidades se conformaram como se apresentam hoje, a tendência foi se afastar da questão do habitar priorizando a forma ou da função do artefato, ou seja, geometrizando e simplificando o espaço vivido objeto de suas intervenções” (HOLZER, 2017, p. 23). Isto é, a relação convencional com os ambientes naturais ou construídos estão apoiados em uma configuração fortemente marcada pelos ditames técnicos, nos quais o espaço vivido é pensado

de forma representativa. Por isto, o questionamento fenomenológico, tal como promovido por Heidegger, oferece-nos uma tentativa de repensar não somente os espaços edificados, mas de recuperar os espaços vividos enquanto ambientes urbanos, conectados com um sentido mais básico do habitar comum.

Como desdobramento do pensamento acerca do habitar, enquanto conceito urbano e ambiental, alguns arquitetos e urbanistas desdobraram a reflexão em termos projetuais. Ou seja, a reflexão de Heidegger sobre o habitar repercutiu em teóricos como, por exemplo, nos pensamentos de Christian Norberg-Schulz, arquiteto norueguês que se dedicou a pensar, a partir de Heidegger, a arquitetura como uma questão; e Juhani Pallasmaa, arquiteto finlandês também influenciado pela fenomenologia, que buscam ressignificar a arquitetura e o urbanismo considerando, entre outras, as contribuições de Heidegger. Especificamente no caso do pensamento arquitetônico brasileiro, não poderíamos deixar de recordar a contribuição robusta do arquiteto Werther Holzer, que tem se dedicado a pensar o próprio projeto arquitetônico e urbanístico em uma perspectiva fenomenológica, estreitamente ligada ao pensamento heideggeriano. Tanto a interpretação de Norberg-Schulz quanto as de Pallasmaa e de Holzer contribuem de modo pertinente na compreensão da pergunta acerca do habitar, à medida que, cada um a seu modo, recebe o aporte heideggeriano como uma oportunidade de retomar certos elementos já esquecidos pela teoria da arquitetura e urbanismo.

No caso do Norberg-Schulz, o tema do habitar foi investigado enquanto um traço fundamental para um urbanismo existencial. Dito de outro modo, é imprescindível repensar o urbanismo em termos humanos, a partir do próprio modo como Heidegger pensa a questão da vida humana e seus desdobramentos existenciais. Como afirma Norberg-Schulz (1980, p. 6, destaques no original):

O habitar como questão urbana e ambiental Gustavo Silvano Batista

A dimensão existencial não é “determinada” pelas condições socioeconômicas, embora possam facilitar ou impedir a (auto) realização de certas estruturas existenciais. As condições socioeconômicas são como uma moldura; eles oferecem um certo “espaço” para a vida acontecer, mas não determinam seus significados existenciais. Os significados existenciais têm raízes mais profundas. Eles são determinados pelas estruturas do nosso **ser-no-mundo**².

Compreender o habitar em termos existenciais significa, na perspectiva de Norberg-Schulz, notar uma peculiaridade própria da constituição humana, enquanto modo de ser no mundo enquanto modo de habitar. Como já afirmara Heidegger (2002, p. 127), “a maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o habitar”. Ou seja, ser e habitar tem uma mesma raiz existencial. Dito de outra forma, Norberg-Schulz compreende existencialmente o habitar como um modo-de-ser-no-mundo que também inclui os ambientes edificados, inseridos em um âmbito no qual o homem se sente parte de algum lugar.

Pallasmaa compreende a discussão acerca do habitar como um traço ontológico básico fundamental à teoria da arquitetura, já que nos leva a repensar as dimensões do espaço e o tempo em outros termos. Dito de outro modo, a reflexão de Heidegger preenche o espaço e o tempo, tomados de modo geométrico pela ideia de projeto, e repensados a partir de uma ordem de sentido, tendo em vista a relação com o mundo. Afirma Pallasmaa (2017, p. 8):

² “The existential dimension is not ‘determined’ by the socio-economical conditions, although they may facilitate or impede the (self-) realization of certain existential structures. The socio-economical conditions are like a picture frame; they offer a certain ‘space’ for life to take place, but do not determine its existential meanings. The existential meanings have deeper roots. They are determined by the structures of our *being-in-the-world* [...]”.

O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura, lida com as dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa. O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo.

Holzer realiza uma reflexão sobre as diversas camadas de afinidades entre o tema do projeto, elemento central da atividade do arquiteto e a própria noção de projeto, presente no horizonte de reflexão fenomenológico-hermenêutica. Tal ponto de convergência proporciona novas possibilidades para pensar tanto o fazer arquitetônico e suas múltiplas possibilidades de construir quanto o próprio projeto em questão, suas necessidades e desafios, considerando especialmente os traços culturais e tecnológicos do nosso tempo. Tal posicionamento teórico não perder de vista o sentido mais básico da própria arquitetura e urbanismo, como vias possíveis para o devido questionamento acerca do habitar um lugar. É importante ressaltar que a inclusão do tema do lugar, herança da geografia cultural humanista nas discussões inerentes à área da arquitetura e urbanismo, tem sido um elemento central do pensamento de Holzer, problematizando o próprio habitar e seus desdobramentos.

Deste modo, parecer ser o habitar aquilo que ressignifica e preenche não somente a relação com o espaço e o tempo, mas dá sentido a vida humana, enquanto ressignificação do espaço como lugar no qual os habitantes se identificam. No seguimento do argumento de Pallasmaa, ninguém habita simplesmente um projeto construído tal como pensado friamente pelo arquiteto e urbanista, mas, ao contrário, o habitar se dá quando este projeto é tomado como um lugar, como um local especial e cheio de sentidos. O elo entre o projeto pensado tecnicamente e o projeto edificado é o habitar que se dá no preenchimento de vida na edificação construída. Tal perspectiva se coloca como um desafio para

O habitar como questão urbana e ambiental
Gustavo Silvano Batista

os arquitetos, conforme reconhece Pallasmaa (2017, p. 10): “Para nós arquitetos, o lar é simplesmente uma residência estetizada e funcional, mas negligenciamos os significados existenciais pré-conscientes do ato de morar. Como sugere Martin Heidegger, perdemos nossa capacidade de habitar”.

Para Heidegger, o aspecto próprio do habitar, enquanto **enraizamento**, condição básica da vida urbana, significa também vislumbrarmos uma condição que filosoficamente foi perdida, seja na experiência da segunda guerra, seja na cidade marcada por diversos níveis da crise habitacional. A passagem a seguir apresenta de modo central como Heidegger pensa situadamente o tema do habitar, enquanto questionamento próprio de um contexto de crise habitacional (HEIDEGGER, 2002, p. 140):

Fala-se por toda parte e com razão de crise habitacional. [...] Trata-se de suplantar a crise através da criação de conjuntos habitacionais, incentivando-se a construção habitacional mediante um planejamento de toda a questão. Por mais difícil e angustiante, por mais avassaladora e ameaçadora que seja a falta de habitação, a crise propriamente dita do habitar não se encontra primordialmente, na falta de habitações. A crise propriamente dita de habitação é, além disso, mais antiga do que as guerras mundiais e as destruições, mais antiga também do que o crescimento populacional na terra e a situação do trabalhador industrial. A crise propriamente ditado habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais devem primeiro aprender a habitar. E se o desenraizamento do homem fosse precisamente o fato de o homem não pensar de modo algum a crise habitacional propriamente dita como a crise? Tão logo, porém, o homem pensa o desenraizamento, este deixa de ser uma miséria. Rigorosamente pensado e bem resguardado, o desenraizamento é o único apelo que convoca os mortais para um habitar.

A relação entre o caráter de desenraizamento reivindicado para a cidade alemã tem ressonância na cidade contemporânea, tanto na escolha de lugares periféricos na promessa de qualidade de vida, quanto na destituição dos lugares daqueles que habitam irregularmente, do ponto de vista do planejamento urbano. Deste modo, insistir na pergunta pelo habitar indica uma tarefa de pensamento não somente para o filósofo ou para o arquiteto e urbanista, mas aos próprios habitantes, enquanto aqueles que habitam. Neste sentido, a pergunta pelo habitar não se coloca somente na relação com as cidades e suas transformações, mas ao ambiente vivido como um todo. Na consideração do ambiente, enquanto esfera vital de relação com os outros humanos e não humanos, encontramos uma ampliação da própria pergunta pelo habitar, pois os que habitam também não podem ignorar a crise que devasta o próprio ambiente natural, marcado não somente pela relação com o ambiente construído, mas transformado pelo domínio técnico, o que pode levar a sua total aniquilação.

Deste modo, mesmo partindo da falta de moradias, a reflexão de Heidegger permite-nos ampliar tal crise como um esquecimento crônico da natureza da própria cidade. Poderíamos ainda perguntar até que ponto não é próprio da constituição da cidade, enquanto ambiente construído, o componente fundamental da própria crise. O que nos leva a perguntar o seguinte: a estrutura técnica, própria das cidades atuais, não encontraria sua sustentação no próprio esquecimento do habitar?

Tal pergunta pode ser estendida à condição contemporânea de muitas cidades brasileiras, marcadas, por um lado, pelo fenômeno da dispersão para áreas menos habitadas em busca de qualidade de vida, e, por outro lado, pela relação técnica com os espaços urbanos, seus lugares e não lugares, configuradores de ambientes acolhedores ou

O habitar como questão urbana e ambiental
Gustavo Silvano Batista

hostis, nos quais muitos indivíduos constroem seus lugares nos quais habitam.

Tal questionamento ainda nos traz um outro aspecto, não menos importante: como a pergunta pelo sentido do edificar, essencial ao arquiteto enquanto um modo de ser no mundo, indica um traço fundamental não somente do fazer arquitetônico mais próprio, enquanto intervenção relevante e situada, mas do próprio modo de ser dos que vivem nas cidades. Tal noção, pensada em termos de uma **habitabilidade**, indicaria a essência do saber-fazer arquitetônico no sentido do “atender ao habitar pleno das pessoas, não importa se esse artefato seja uma casa, um prédio comercial ou uma cidade”(HOLZER, 2017, p. 23), não mais perdendo de vista o sentido do habitar no sentido de abrigar enquanto constituição de um lugar.

Desta forma, a urgência de pensar tal sentido do habitar enquanto habitabilidade na esfera da vida urbana contemporânea, reivindica uma atitude não só dos arquitetos, mas também dos cidadãos, que questionam tanto o crescimento desordenado das cidades quanto por um certo movimento de fuga das áreas centrais mais densas, vistas como caóticas e desorganizadas, em busca da promessa imobiliária de **qualidade de vida**, num movimento de dispersão para áreas distantes e pouco habitadas.

Pensar a habitabilidade enquanto noção fenomenológica que expressa o modo de ser do habitar indica uma atitude de repensar o próprio fazer arquitetônico e urbanístico, além do ambiental, à medida que projetar, desenhar, edificar, conservar ou preservar se apoiam em um sentido mais básico, segundo o qual os indivíduos possam encontrar nas cidades um sentido mais próprio e compatível com seus modos de ser. Afirmamos, assim, a questão do habitar como uma perspectiva básica para toda e qualquer intervenção humana nos ambientes naturais ou construídos. ○

REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 125-141.
- HOLZER, Werther. Ser-na-Cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar. **Pensando**, Revista de Filosofia (UFPI), v. 8, n.16, p. 20-32, 2017.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture**. London: Academy Editions, 1980.
- PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

Submetido em Agosto de 2019.
Revisado em Outubro de 2020.
Aceito em Novembro de 2020.